

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

André Rebouças e o Pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888-1898)

Hebe Mattos

Professora Titular do Departamento de História (UFF)

“Compreenda Meu Santinho que estou cansadíssimo do mundo, da vida, e sobretudo da tal civilização... Espero que Deus conceda-me o Fim n’África e que possa ali alcançar o repouso eterno.

Sempre Mto do Coração.
André Rebouças”¹

André Rebouças é um dos intelectuais abolicionistas mais conhecidos e estudados. Deixou copioso material auto-biográfico. Seu diário, mais de 20 grossos cadernos, escritos entre 1863 e 1891, e algumas das cartas dos volumes de Registro de Correspondência, foram publicados em livro, editados por Ana Flora e Inácio José Veríssimo, em 1938. Os originais do Diário e do Registro de Correspondência já foram trabalhados por Leo Spitzer, Maria Alice Rezende de Carvalho e Alexandre Dantas Trindade.² Com exceção parcial de Leo Spitzer, nenhum deles enfatizou os últimos anos de vida do personagem, e sobretudo não os pensou como anos marcados pelo impacto da abolição definitiva da escravidão. No presente texto, lanço meu olhar para as cartas transcritas por André Rebouças nos seus cadernos de Registro de Correspondência, entre os anos de 1891 e 1893, anos em que planejou e realizou sua viagem ao continente africano e a alguns artigos publicados no

¹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Santinhos (José Américo dos Santos), p. 638, imagem 1594, Marselha, 17/01/1892.

² Leo Spitzer, *Lives in Between: assimilation and marginality in Austria, Brazil, West Africa 1780-1945*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989; Maria Alice Rezende de Carvalho, *O Quinto Século. André Rebouças e a Construção do Brasil*, Rio de Janeiro, IUPERJ/UCAM/Editora Revan, 1998; Alexandre Dantas Trindade, *André Rebouças: da Engenharia Civil à Engenharia Social*, (Doutorado em Sociologia), UNICAMP, Campinas, 2004.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

mesmo período³. A hipótese básica do texto é que a decisão de viagem à África está diretamente relacionada com o contexto do pós-abolição no Brasil e marca uma profunda inflexão na construção de si de André, sobretudo no que diz respeito à sua identidade racial.

André Rebouças recebeu educação esmerada. Recusado na Escola da Marinha [juntamente com o irmão Antônio], estudou na Escola Militar, depois Politécnica, formando-se Engenheiro Militar na Escola de Aplicação da Praia Vermelha, em 1860. Ele e o irmão completaram sua formação na Europa, em viagem de estudo financiada pelo pai. Liberado da função de engenheiro militar por questões de saúde, durante a Guerra do Paraguai, tornou-se professor da Escola Politécnica, além de engenheiro civil e empresário, como gostava de se auto-representar. Abolicionista de primeira hora notabilizou-se na defesa de projetos para a modernização do país, entre os quais se incluíam com destaque a abolição da escravidão e a democratização da propriedade fundiária. Maria Alice Rezende de Carvalho enfatiza sua crença no liberalismo “à americana” como principal característica de seu pensamento político. Apesar da admiração pelos Estados Unidos, foi monarquista. Amigo pessoal de Pedro II, acompanhou-o no exílio na Europa. Após a morte do Imperador, morou na África e, depois, em Funchal, na Ilha da Madeira, onde morreu, em 1898. No exílio, André cessou de escrever o Diário, mas desenvolveu a prática de transcrever em um caderno as cartas que escrevia. De uma maneira geral, transcrevia as cartas uma após a outra em ordem cronológica, mas algumas vezes começava a transcrição no verso em branco de alguma página, quando o caderno estava terminando, continuando algumas páginas depois. Anotações em azul, provavelmente de Inácio José Veríssimo à época da edição do Diário, funcionam quase como índice dos interlocutores de cada carta e criaram uma numeração para as páginas dos Cadernos.

Os últimos anos de vida de André Rebouças e as cartas por ele escritas do exílio são marcados por profunda depressão. Leo Spitzer é o único dos biógrafos de André que prioriza basicamente esta fase de sua vida, pois enfatiza em sua análise o sentimento de

³ Fundação Joaquim Nabuco – Recife (FJN)/LABHOI-UFF (cópia digitalizada), Coleção André Rebouças: Registro da Correspondência, Vol IV (1891-1892); Registro da Correspondência, Vol V (1892-1893).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

marginalidade que a teria caracterizado, eixo da interpretação do livro *Lives in between*.⁴ Vou também priorizar o período, porém sem recuperar as categorias utilizadas por Spitzer. Ao escolher como referencial teórico as noções funcionalistas de “assimilação” e “marginalidade”, o autor essencializa e torna estática a condição mestiça dos sujeitos que analisa, retirando relevância aos contextos históricos estudados. Ao contrário, é a partir do contexto sócio-histórico do pós-abolição no Brasil e da expansão imperialista européia na África que buscarei entender a produção epistolar de André Rebouças no período.

André Rebouças acompanhara o imperador no exílio e estava firmemente convencido de que a república havia sido um golpe produzido pelos ressentimentos das antigas oligarquias escravocratas, especialmente por seu temor de verem implementadas reformas que levassem à “democracia rural”, que – do seu ponto de vista – deveria golpear o latifúndio e complementar a obra da abolição. Não há dúvidas da depressão que o acompanhou em seus últimos anos de vida. A forma como foi vivida, porém - como aguda consciência de suas origens africanas -, ilumina muito além das dificuldades pessoais por ele enfrentadas. Nas cartas do exílio, de forma contundente, André quebrou o silêncio sobre sua identidade racial, até então predominante em sua vida pública e na narrativa de si registrada em seu diário.

Durante os anos de exílio, uma pequena revolução se processou na forma com que até então expressava sua identidade pessoal e as formas de sua inserção no mundo do ponto de vista racial. Em outubro de 1891, André se encontrava em Cannes, onde aguardava a morte do ex Imperador do Brasil. Foi ali, em intensa correspondência com José Carlos Rodrigues, que pela primeira vez referiu a si mesmo como “o Negro André.”⁵

Quem era o correspondente para quem André assim se identificava? Era então proprietário do Jornal do Comércio e, sem dúvida, um dos motes da correspondência entre eles era a tentativa de André de manter-se em dia com os rumos políticos do Brasil e influenciá-los de algum modo. André sugeria pautas, tecia loas ao ex-imperador moribundo, criticava a atuação de Rui Barbosa como ministro da fazenda, fazia acusações

⁴ Cf. Leo Spitzer, *op. cit.*, 1989, especialmente cap. 6.

⁵ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a José Carlos Rodrigues, p. 517, imagem 1465, Cannes, 29/10/1891.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

morais ao novo governo republicano. Haviam se conhecido na visita de André aos Estados Unidos, em 1873, e desde então mantiveram-se em contato.

José Carlos Rodrigues é uma personagem interessante e original do final do século XIX. Filho de fazendeiros de Cantagalo, nascido em 1844, exilou-se do Brasil depois de ser processado por fraude como funcionário público, tendo então se radicado nos Estados Unidos. Ali, publicou de 1870 a 1879 um jornal em português, *O Novo Mundo*, que circulava principalmente no Brasil, veiculando sobretudo notícias sobre a sociedade e a política dos Estados Unidos para um público brasileiro⁶.

Segundo artigo de George Boehrer, Rodrigues converteu-se ao protestantismo ainda quando vivia no Brasil, tendo tornado-se extremamente crítico ao catolicismo. Escreveu diversos livros sobre religião e traduziu a Bíblia protestante para o português. Foi sob a proteção de José Carlos Rodrigues que André Rebouças fez toda a sua viagem aos Estados Unidos, tendo se tornado depois disso colaborador freqüente do *Novo Mundo*.

O Novo Mundo acompanhava atentamente o contexto racial pós-guerra de secessão. Rodrigues era um abolicionista, crítico das práticas segregacionistas no país, mas, ao mesmo tempo, estava convencido dos desmandos e da corrupção praticados durante a chamada Reconstrução Radical. André Rebouças sofreu na pele a experiência da segregação racial em sua visita aos Estados Unidos, mas mesmo assim ficou encantado com o progresso técnico e o desenvolvimento econômico do país⁷. De todo modo, naqueles anos, a legalidade das práticas de segregação racial nos EUA era tema ainda em discussão, muitas vezes presente em *O Novo Mundo*. Após a derrota do Sul na guerra civil, a consolidação das políticas de apartheid só se faria em finais do século XIX e, como é bem sabido, intelectuais negros não estiveram ausentes do debate em curso no período. De fato, muito do que André Rebouças escreveria sobre a África depois da abolição parece sugerir algum contato com o pensamento de Alexandre Crummel, que voltara aos Estados Unidos, vindo da Libéria, exatamente em 1873. André não o cita, de forma que não é possível provar esta conexão. Porém, sua percepção de que os negros do Atlântico eram também

⁶ Cf. George C. A. Boehrer, "José Carlos Rodrigues and *O Novo Mundo*, 1870-1879", *Journal of Inter-American Studies*, v. 9, nº 1, (Jan. 1967), pp. 127-144.

⁷ André Rebouças, *op. cit.*, 1938, pp. 245-259.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

africanos, tinham uma “alma” comum com seus irmãos do “Continente Mártir”, e deviam contribuir na missão de cristianizar e civilizar a África se aproxima de forma instigante das proposições pan-africanistas de Crummel, conforme abordadas por Du Bois, em capítulo do clássico *The Souls of Black Folk*⁸. Não há como provar tal influência, mas a intensificação da importância da variável racial no pensamento científico ocidental, desde 1870 e, em particular, após a abolição da escravidão no Brasil, parece ter forçado André a refletir sobre a questão, até então praticamente ausente de seus escritos.⁹

No exílio auto imposto, André continuou um intelectual ativo e bem informado, que escrevia incessantemente. Discutia os mais variados problemas do Brasil e do mundo em suas cartas. Não apenas ele, naqueles anos, incorporava a África a sua agenda de estudos. Desde meados do século XIX, as viagens e expedições ao continente negro se sucediam e faziam a fama de cientistas e exploradores.

Seu primeiro artigo sobre o tema, *O Problema da África*, foi escrito ainda em Lisboa, em 7 de novembro de 1890, e publicado no Brasil, na Revista de Engenharia, no ano seguinte.¹⁰ Nele, buscava refletir sobre as relações entre escravidão e racismo.

A África foi sempre o continente da escravidão... A cor preta foi sempre apreciada pelos exploradores de homens como uma justificativa de sua iniquidade. ...A cor negra veio salvar essa dificuldade moral... Porque todo criminoso quer ter uma justificativa do seu crime.

Situava no Império Romano a origem do problema, com a construção dos quadros legais da escravidão no Ocidente. Mas nem toda a culpa era ocidental. “Depois da Escravidão Romana, a Escravidão Maometana... É ela que persiste ainda hoje e constitui a dificuldade máxima do Problema da África....”

Mas, como bem sabia Rebouças, o problema da África se estendia além dela:

⁸ W.E.B. Du Bois, Of Alexander Crummel, In: *The Souls of Black Folk*, 1903, cap. XII.

⁹ Só tive acesso ao conteúdo de *O Novo Mundo* através do artigo citado de Boehrer. Esta é uma pesquisa ainda em andamento, de forma que explorar a série do jornal é uma meta ainda a ser percorrida. Talvez possa ajudar a melhor estabelecer a hipótese.

¹⁰ Cf. André Rebouças, “O Problema da África”, *Revista de Engenharia*. ns. 249-251, 14 janeiro a 14 fevereiro de 1891.

Depois da escravidão Romana, depois da escravidão Maometana, devastou a África a escravidão Americana... É tristíssimo ser obrigado a reunir o belo nome da América ao monstro da escravidão... Mas é a verdade... E, antes de tudo, “não ter medo da Verdade”... Não cometer crimes hoje para que as gerações vindouras não se envergonhem do nós... É assim que se faz a Evolução Moral da Raça Humana.

O artigo está recheado de citações morais informadas pela idéia de Religião da Humanidade, própria ao positivismo de Augusto Comte, e de uma perspectiva monogenista da questão racial. Em um outro artigo escrito em Lisboa alguns meses depois, intitulado *O Problema Hebreu*, também publicado na Revista de Engenharia, utiliza a noção de raça como sinônimo de nação e de cultura, ao mesmo tempo em que se refere à raça humana “a que todos os povos pertenceriam”, ainda que com suas especificidades sócio-culturais e em diferentes estágios de civilização¹¹. Ainda que otimista com a presença do cristianismo na África, repudiava com veemência o que chamava de Teocracia, que via quase sempre ligada ao escravagismo, como fase da evolução humana a ser superada. De todo modo, como já foi adiantado, em *O Problema da África*, mostra-se bem informado e bastante otimista com o potencial civilizador da crescente presença do cristianismo no continente. Neste quesito, considerava, sem dúvida, o cristianismo superior ao islamismo:

Foram necessários séculos e séculos para expelir da Europa a horda Maometana, e para atirá-la sobre a África; por muito tempo os piratas Argelinos foram o terror da navegação e do comércio no Mediterrâneo: só terminou essa barbárie em 1830 pela ocupação da Argélia pelos Franceses. Agora o combate contra o Islamismo está travado na própria África, desde o Mediterrâneo até os lagos equatoriais... A frente dos Católicos Romanos brilha o Cardeal Lavignerie, outrora bispo de Argel., os Protestantes de seitas inumeráveis espalham Bíblias por toda a África; uns caminham de Norte ao Sul, seguindo o vale do Nilo prodigioso; outros vão de Sul ao Norte partindo de Capetown e de Pretoria; alguns de Leste a Oeste, de Zanzibar para os grandes Lagos; outros de Oeste para Leste, segundo o circular vale do Congo Livre...

Reconhecendo a responsabilidade européia e americana no que chama de problema da África, ele contava com os esforços civilizadores de europeus e americanos para reparar os séculos de sofrimento do continente africano e considerava que o Brasil deveria ter um

¹¹ Cf. André Rebouças, “O Problema Hebreu”, *Revista de Engenharia*, ns. 258-260, 28 maio a 28 junho de 1891.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

papel neste processo. No texto, propunha a criação de uma rota a vapor, da Europa ao Pacífico, passando pela costa ocidental da África e pelo Brasil.

Segundo o artigo, ainda em 1888, já no momento da abolição, André sonhava para o Brasil um papel de destaque na nova colonização do continente, em mais um importante indício da influência de Crummel em seu pensamento racial.

Considerado do mais alto ponto de vista cosmopolita, o Brasil é a grande oficina da preparação da Humanidade para a conquista científica e industrial d'África... Nossos vindouros – Argonautas desse grandioso futuro, - partirão deste belo litoral para o Continente, que nos fica em face, para levar-lhe a Civilização, a Indústria e o Progresso, e saldar a grande dívida de gratidão e de reconhecimento, que o Brasil deve à África.

Com a morte do Imperador no início de dezembro, decidiu ele próprio iniciar a empreitada. Viajou para Marselha com o intuito de buscar emprego no Caminho de Ferro de Loanda à Ambaca, “ou em qualquer empresa n’África”, com ajuda do amigo Antônio Julio Machado¹² E, de fato, ainda em fins de 1891, já estava decidido que partiria no “Paquete Malange, Via Suez” para o continente africano, com o apoio de Julio Machado, e que em breve escreveria aos amigos com as notícias do seu novo domicílio em África¹³. De fato, só viajaria em março, e nos meses que passou em Marselha assumiu sua “alma africana” para todos os correspondentes. Para Conrado Weismann, declarou-se “meio brasileiro meio africano, não podendo voltar ao Brasil, parece-me melhor viver e morrer na África”¹⁴.

A Antônio Julio Machado relatou seu projeto de expedição à África. Pretendia partir no Malange, com o amigo João Nunes Lisboa, visitar as escalas da Costa Oriental fazendo um minucioso relatório das condições locais e dos melhoramentos possíveis, “tomar em Lourenço Marques um vaporzinho de correspondência para a Costa Ocidental”... “fixar

¹² André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Santinhos (José Américo dos Santos), p. 609/638, imagens 1564, 1594, Marselha, 17/01/1892.

¹³ Entre outras, André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta ao Barão da Estrela, p. 596, imagem 1550, Marselha, 25/12/1891.

¹⁴ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Conrado Weismann, p. 604, imagem 1558, Marselha, 12/01/1892.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

residência em Ambaca ou em qualquer ponto alto do Caminho de ferro”... “trabalhar para desenvolver-lhe o tráfego introduzindo nas zonas marginais a cultura do café”¹⁵.

Em longa carta a Taunay, seu mais íntimo amigo e correspondente, escreve sobre o desejo de estar nas “florestas d’África”¹⁶ e dos planos para escrever um livro na sua temporada africana, de título “Em Torno d’Africa”¹⁷. Declara-se satisfeito em “trabalhar de graça para o bravo Antônio Julio Machado e para os (...) preavós portugueses e africanos”... “Não sendo mais possível fazer idílios sobre o Brasil passo a idealizar a África”¹⁸. Em resposta ao “amigo [Octavius] Haupt”, que junto a Taunay se opunha ao projeto de excursão à África, escreveu que “os alemães de camerum estavam a ensinar a cantar os negrinhos; - como o Africano André Rebouças há de recuar por medo do sol e das inclemências do continente de seus preavós!!!!????”¹⁹

Em 27 de março de 1892, André Rebouças finalmente viajou para o continente africano, através do Canal de Suez.²⁰ Em maio estava instalado em Lourenço Marques. Em carta a Taunay, diverte-se em saber que o amigo querido, descendente de franceses, presidente da *Sociedade Brasileira de Imigração* dedicada ao desenvolvimento da imigração européia para o Brasil, e que “nunca se interessara pelos negros”, agora seria forçado a abrir o mapa da África para saber “donde o André contempla o Cruzeiro do Sul para matar saudades do Brasil”²¹.

A primeira impressão de Lourenço Marques foi de deslumbramento com a natureza e a diversidade de línguas, religiões e tipos humanos. Sentia-se feliz “confraternizando com todas as raças humanas; só tendo por inimigos os monopolizadores da terra e os

¹⁵ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Antônio Julio de Machado, p. 614, imagem 1570, Marselha, 31/01/1892.

¹⁶ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Taunay, p. 616, imagem 1572, Marselha, 31/01/1892.

¹⁷ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, cartas a Taunay, p. 616, imagem 1572, Marselha, 31/01/1892 e p. 617, imagem 1573, Marselha, 12/02/1892.

¹⁸ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, cartas a Taunay, pp. 623/624, imagens 1579/1580, Marselha, 22/02/1892.

¹⁹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Octavius Haupt, p. 626, imagem 1582, Marselha, 03/03/1892.

²⁰ Vide mapa da viagem em anexo, elaborado por Matheus Serva Pereira, assistente de pesquisa no projeto, como bolsista de Iniciação Científica, CNPq, 2006.

²¹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Taunay, p. 664, imagem 1623, Lourenço Marques, 04/05/1892.

escravizadores dos homens”²². Ficou por ali pouco tempo, rumando em seguida, no Pacote Tinguá, para a África do Sul. O suficiente, entretanto, para mudar seu ponto de vista inicial.

Parti de Cannes, a 8 de janeiro 1892 na intenção de trabalhar no C Ferro de Luanda a Ambaca do amigo Antônio Julio Machado. Sobreveio a crise em Portugal, e só a 27 de Março, pude partir no “Malange” para Lourenço Marques. Ali encontrei o hediondo escravagismo em pleno tripúdio crapuloso. Depois de 20 dias de esforço hercúleo, tive que procurar abrigo para a Higiene Física e Moral nas montanhas de Barbeton a mil metros d’altura.²³

Em 26 de maio, estava na África do Sul. Confiante na ação dos ingleses na repressão à escravidão e ao tráfico de escravos, abandonou, pelo menos temporariamente, seus planos de chegar a Luanda e decidiu se fixar ali.

“Na África Oriental ainda estão muito vivos os estigmas do hediondo escravagismo”, escrevia, mas acreditava que “aqui em South Africa, o negro já está evoluindo para a Democracia Rural; já tem casa, plantação...”²⁴

Fixou-se em Barbeton, a que chamou de “Petrópolis africana” em carta a Antonio Julio Machado.²⁵

Instalava-se na África do Sul como admirador do sentimento humanitário dos ingleses, que então consolidavam a ocupação imperialista da região em nome da civilização e do combate à escravidão. O ano de 1892 foi de intenso trabalho intelectual. Ao chegar em Barbeton tinha “um sem numero de Idílios escritos e por escrever”. Enviara a Taunay para publicar no Brasil o texto “Nova Propaganda – Vestir 300.000.000 de Negros Africanos”²⁶. Um de seus Idílios Africanos, o VI, escrito em Barbeton, em 30 de maio de 1892, foi publicado no Jornal *A Cidade do Rio*, em 4 de fevereiro de 1893. Sua pergunta

²² André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Taunay, p. 651, imagem 1610, Lourenço Marques, 14/05/1892.

²³ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay, p. 709, imagem 1678, Barbeton, 25/11/1892.

²⁴ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Rangel Costa, p. 673, imagem 1641, 14/06/1892.

²⁵ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Antonio Julio Machado, p. 668, imagem 1627, Barbeton, 28/05/1892.

²⁶ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Taunay, p. 665, imagem 1624, Barbeton, 17/6/1892.

central evocou Du Bois e *The Souls of Black Folk* à Martha Abreu, em estudo sobre a circulação de referências musicais, entre Brasil e EUA, no Brasil de final do século XIX²⁷: “Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?!”. A data do texto e o cristianismo que o alimenta me sugerem mais a influência de Crummel em ambos - Rebouças e Du Bois.

Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?! ...

Trajado de luto perpetuo e eterno: coberto de preto incrustado na própria pele!! ...

Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?!

Carregando pedra áspera (...) dura, (...) ferro pesado e frio, ou carvão de pedra sujo e sufocante!!! ...

Porque o negro Africano ri, canta e dança sempre?! ...

Quando a atroz Retaguarda do feroz Stanley comprou uma negrinha para ver comela viva pelos canibais, tomaram os *Sketch-books* e prepararam os ouvidos para gritos dilacerantes e os binóculos para cenas emocionais... A mísera ergueu os olhos para o Céu, e deixou sorrindo dilacerarem-lhe o ventre...

- Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?!

Quando em Campinas um fazendeiro de São Paulo substituiu, na forca, por mísero preto velho inocente, seu capanga, moço assassino, esse desgraçado percorreu inconscientemente a via satânica dos Auás e dos Caifás: dos juízes e dos jurados corruptos e ênicos: iníquos e vendidos aos escravizadores de homens, usurpadores e monopolizadores do território nacional... Foi só quando o carrasco se aproximou de corda em punho, que o velho negro Africano compreendeu onde ia terminar a infernal comedia... Então, sentou-se sobre os degraus da forca e cantou a canção que lhe ensinara sua mãe, aqui n'África, no continente – Mártir...

Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?! ...

Dize Jesus, Mártir dos Mártires: dize, Tu para quem não há segredos nem martírios no sacrifício e na Humildade; na dedicação, no Devotamento e na Abnegação...

Dize: - Porque o Negro Africano ri, canta e dança sempre?!

Bem aventurados os escravizados, os chicoteados, os insultados, os caluniados, os cuspidos e os esbofeteados.

Bem aventurados os que sofrem injustiças e iniquidades: sequestros e espoliações.

Bem aventurados os que não tem terra, nem casa: nem propriedade, nem família.

Bem aventurados os que não tem Pátria: os que são estrangeiros no seu próprio Continente Africano..

(Ideado em Krokodil Poorta 23 de maio de 1892; Escrito em Barberton a 30 de maio de 1892)

²⁷ Martha Abreu, O “Crioulo Dudu”. Participação Política e Identidade Negra nas histórias de um músico cantor, *Topoi*, v. 11, n. 20, jan.-jun. 2010.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Durante todo o ano de 1892, trabalhou com afinco no livro que planejara ainda na Europa, que se encontrava praticamente pronto ao final do ano, com o título “Entorno d’Africa 1889-1893. Propaganda abolicionista socioeconômica – Antropologia – Botânica – Flora Comparada do Brasil e d’Africa – Astronomia, Metereologia, etc.”²⁸. Os originais não foram, até agora, localizados entre os papéis que deixou.

Em final de maio de 1892, recém chegado a Barbeton, André estava otimista com as possibilidades da África do Sul. Era preciso ensinar aos africanos a ler e escrever, argumentava ao amigo Antônio Julio Machado, em 28 de maio, “é preciso que fique bem claro que só se pede para o africano a mais elementar justiça; equidade nos pagamentos [...], um pedaço de terra [...]. Negar isso é maldade diabólica”²⁹. Entristecia-se com o crescimento da violência política no Brasil e a iminência da guerra civil no país, que pareciam confirmar suas piores previsões sobre os destinos da república recém proclamada.³⁰ “Foi uma santa inspiração vir para a África. Tenho aqui o céu, o sol, as estrelas do Brasil. Estou livre de ver os canibalismos das revoluções e dos bombardeamentos.”³¹

A maioria de suas cartas estavam voltadas para os problemas do Brasil. Em 1892, esforçava-se a convencer seus amigos a tentarem evitar a imigração de chineses por contrato para trabalhar na cafeicultura fluminense e paulista. Considerava o trabalho dos *coolies* uma forma de escravagismo e colocava-se, veemente, “contra a escravização dos míseros *chins*”³², mas também pensava que os asiáticos tinham uma civilização corrompida pelo ópio e que, por isso, eram indesejáveis para o Brasil. Diferente dos africanos a quem considerava possível civilizar. De todo modo, o que lhe parecia fundamental para o Brasil,

²⁸ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay e Nabuco, pp. 716/723, imagens 1685/1692, Barbeton, 21 de dezembro de 1892.

²⁹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. IV, 1891-1892, carta a Antonio Julio Machado, p. 668, imagem 1627, Barbeton, 28/5/1892.

³⁰ Nos anos de 1892 e 1893 eclodiram no Brasil a chamada Revolta da Armada [1892-1893] e a Revolução Federalista no estado do Rio Grande do Sul [1893-1895].

³¹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta ao Barão da Estrela, p. 685, imagem 1654, Barbeton, 29/7/1892.

³² André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta Taunay, p. 710, imagem 1679, Barbeton, 25/11/1892.

era a aprovação do imposto territorial, que poderia acabar com a “escravidão branca de Antonio Prado”, referindo-se ao trabalho de imigrantes europeus na cafeicultura no estado de São Paulo³³.

Em pouco tempo, porém, suas ilusões com a colonização inglesa na África do Sul se desvaneceriam. Com o desenvolvimento da mineração na república do Transvaal, ainda que sob colonização inglesa, André foi atropelado pelas práticas racistas dos boers e o retorno do fantasma do escravagismo. De forma seca, e sem qualquer preparação nas cartas anteriores, escreve a Nabuco e Taunay:

O incêndio do Royal Hotel, em Barbeton, e incessantes conflitos com os escravocratas, determinaram a mudança para Capetown, sede de minimum escravagismo no mísero Continente Africano. Os Republicanos Escravocratas do Transvaal dizem: *To make Money is necessary slavery.*³⁴...

Digam ao Patrocínio que os republicanos escravocratas do Transvaal fazem dos Tamils carrascos dos míseros africanos. A raça Tâmil é a mais forte do Sul da Índia.³⁵

Em Capetown, conseguiu regularizar a chegada dos recursos vindos de Portugal e do Brasil junto ao Bank of South Africa de modo a sustentar, na África do Sul, o que definia como uma “anti slavery and scientific mission”³⁶. Ainda assim, as práticas de discriminação racial, toleradas pelos ingleses, começavam a lhe atingir. Em dramática carta a Taunay, em 19 de dezembro de 1892, elencará o rol de horrores que a colonização inglesa permitia ou praticava na antes idealizada “South Africa”³⁷. Segundo ele, os ingleses insistiam :

³³ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta Taunay, p. 710, imagem 1679, Barbeton, 25/11/1892.

³⁴ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta Taunay e Nabuco, p. 711, imagem 1680, Barbeton, 12/12/1892.

³⁵ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay e Nabuco, p. 712, imagem 1681, Barbeton, 12/12/1892.

³⁶ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta ao Bank of South Africa, p. 720, imagem 1689, Capetown, 19/12/1892.

³⁷ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay, p. 734/735/736, imagens 1703/1704/1705, Capetown, 23-27,12.1892.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- I. Em recusar propriedade territorial ao Africano – Que horror!? O Africano não pode ser proprietário territorial no seu próprio continente Africano!
- II. Em recusar ao africano direitos eleitorais; em sujeita-lo a leis bárbaras; a julgá-los em tribunais ad-doc; usando e abusando da atroz pena de açoite.
- III. Em dar curso à brutalidade yankee de recusar Negros e Mulatos nos hotéis e até fazer dificuldades em vender-lhe nas lojas de moda e perfumaria.

Tudo isso, sem considerar o que acontecia “na hedionda República do Tranvaal” – pedidos de indenização dos antigos proprietários pela abolição formal da escravatura pelos ingleses, sistema de barracão “furtando ao africano o salário”, violências contra turmas inteiras de trabalhadores, espancamentos, como no “horrendo caso” que o teria levado a deixar o Granville Hotel em Barbeton. Ali, linchamentos de Africanos nas estradas repetiriam “os Canibais *Yankees* do Ohio, do Mississippi, do Missouri.” A retórica de chamar de “canibais” a europeus e americanos, quando dedicados a atos que percebia como de pura selvageria, se fazia cada vez mais presente no seu texto.

De todo modo, a questão ia além do Transvaal. Segundo André, a colonização inglesa na África do Sul, para sua decepção, conservava “o Africano em completa nudez, no interior das famílias, entre as mulheres e os próprios filhos solteiros, sem vergonhas e sem pudor algum...”; não ensinava “ao Africano, nem Inglês, nem Holandês, nem língua alguma, empregando, no trato doméstico, uma algavaria de Cafre, Holandês, Português”³⁸. Concluía, estupefato: “No Graphic, de London, vem representado um africano seminu, servindo de ama seca em Barbeton; carregando no colo uma criancinha e levando pela mão a irmã mais velha!!!!!!”³⁹

Seu entusiasmo com os protestantes cessara. Apesar do seu misticismo cristão, não fazia exceções sobre o caráter nefando de todas as religiões para o progresso e a civilização. Para ele, todo missionário era um teocrata que estimulava sistemas de castas: “eminentemente Castista”... “os Missionários na África ensinam língua Zulu no lugar do Inglês, ou de qualquer outra língua civilizada!”⁴⁰

³⁸ *Idem.*

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.*

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Suas cartas, sobretudo a Taunay, deixam claro que ele próprio começa a não estar imune às práticas segregacionistas. Ainda assim, foram preciso alguns meses para que decidisse deixar a África do Sul:

Ora, eu vim para a África não para caçar leões, como um lord, mas sim para combater a escravidão e o monopólio territorial. Desembarquei em Port Said a 2 de abril de 1892 e logo dei o primeiro combate. Claro está que não narro as vitórias por horror ao Quixotismo; mas estou contente comigo mesmo e fico em dúvida se devo morrer na África ou no Brasil.⁴¹

As cartas de André Rebouças são um testemunho dramático das contradições e desilusões das idéias liberais no processo de colonização europeia na África, bem como da difusão, muito além do mundo anglofônico, do tipo de cultura política que daria origem ao panafricanismo - a que Paul Gilroy chamou de dupla consciência dos intelectuais negros do Ocidente⁴². Em junho de 1893, o livro *Em torno D'África* estava parado, “na impossibilidade de publicação em Capetown”⁴³, enquanto a guerra civil no Sul do Brasil entristecia André Rebouças e o deixava sem vontade de retornar à Pátria⁴⁴. Decidiu, então, partir para Funchal, na Ilha da Madeira, onde amigos portugueses tinham correspondentes. Na sua última carta de Capetown a Taunay, anunciou sua partida como um “novo capítulo na Odisséia deste mísero Ulysses Africano”⁴⁵.

Em sua aventura africana, André Rebouças descobrira desolado que a imposição da dominação colonial europeia na África só fizera aprofundar as barreiras raciais produzidas pelo tráfico negreiro. Face a um contexto desconcertante para suas convicções liberais, sua auto-identificação racial como negro e africano se aprofundaria. No final do ano de 1893, já na Ilha da Madeira, agradece a Taunay a ajuda permanente à sua vida de “engenheiro e

⁴¹ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay, p. 773, imagem 1744, Capetown, 04/04/1893.

⁴² Cf. Paul Gilroy, *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, Rio de Janeiro, Editora 34/CEAA-UCAM, 2001.

⁴³ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay, p. 787, imagem 1763, Capetown, 12/6/1893.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta a Taunay, p. 791, imagem 1767, Capetown, 20/6/1893.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

empresário” com todo o “ardor de seu grato coração Africano”⁴⁶. Ali, durante um bom tempo, alimentou a idéia de retornar ao “Continente Mártir” para conhecer a costa ocidental.

Como lhe disse na carta de 20/6 passado, cheguei aqui pelo Skol, no dia 2 ... - Esperarei aqui o termo dos horrores que assolam nosso mísero Brasil, ou irei ainda à Costa Ocidental da África?... Só Deus o sabe...⁴⁷.

Em seus últimos anos de vida, André ainda acreditava nas virtudes e na capacidade do africano de tornar-se colono e converter-se aos valores do individualismo e da propriedade privada. Para ele:

O horror dos horrores é impedir ao Africano possuir uma nesga de terra na sua própria África. Abolir esta iniquidade e promover a constituição de núcleos de colonos Africanos com família, choupana e um lote de terras de poucos hectares é a primeira dessas reformas humanitárias.⁴⁸

Insistia também em chamar de bárbaros a europeus e americanos. Considerava que “o meio mais eficaz e enérgico para civilizar os bárbaros ou semibárbaros, *da Europa, da África, da América e da Ásia*, para emancipar os servos e os escravos, consiste em lhes atribuir uma propriedade fundiária individual”⁴⁹. Com o coração africano, mas sempre liberal, sua incorporação da retórica científica racial manteve-se, até o fim, eminentemente antiracista.

⁴⁶ Cf. André Rebouças, *op. cit.*, 1938, pp. 407-408.

⁴⁷ André Rebouças, Registro de Correspondência, Vol. V, 1892-1893, carta ao Barão da Estrela, p. 791, 1777, Ilha da Madeira, 04/7/1893.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Le moyen le plus efficace et le plus énergique pour civiliser les barbares, ou semi-barbares, de l'Europe, de l'Afrique, de l'Amérique et de l'Asie, pour émanciper les serfs et les esclaves, consiste à leur constituer une propriété foncière individuelle”, *apud* André Rebouças, *op. cit.*, 1938, pp. 428-429. Carta de 23 de abril de 1895, ao Conselheiro Augusto de Castilho, citando Jean Garnier.